

Aprendizagem de Slackline por alunos do ensino fundamental I

Aprendizaje Slackline para estudiantes de escuela primaria

Slackline Learning for elementary school students

Letícia Freitas¹

Universidade Estadual de Maringá

Giuliano Gomes de Assis Pimentel²

Universidade Estadual de Maringá

Rafael Campos Veloso³

Universidade Estadual de Maringá

Resumo

Este estudo teve como objetivo avaliar a mudança de proficiência no deslocamento sobre *slackline* em crianças de sete a dez anos, por meio da disciplina Educação Física no Ensino Fundamental. Participaram 24 crianças matriculadas nos 3º e 5º anos. Os procedimentos pedagógicos foram do método Escola de Aventuras, validado para o Fundamental I. A intervenção foi composta por 2 aulas semanais, com duração de aproximadamente 100 minutos. Foram avaliados antes e depois da intervenção: técnica, distância do deslocamento e percepção subjetiva em relação à experiência. Entre os resultados, o terceiro ano apresentou, em média, um deslocamento 221,2% superior e evolução de 125,9% no estado emocional de controle diante da percepção do risco. Já o quinto ano, apresentou, em média, um deslocamento 107,7% superior e evolução de 105,1% no estado emocional. Os dados obtidos demonstram que, após o tempo pedagógico de 4 semanas, as crianças apresentaram melhora na aquisição técnica, do deslocamento e de controle na percepção do risco.

Palavras-chave: habilidades motoras; aulas de aventura; educação física escolar.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo evaluar el cambio en el dominio del movimiento en *slackline* en niños de siete a diez años, a través de la disciplina de Educación Física en la Escuela Primaria. Participaron 24 niños matriculados en 3º y 5º año. Los procedimientos pedagógicos fueron el método Escuela de Aventura, validado para Primaria I. La intervención constó de 2 clases semanales, con una duración aproximada de 100 minutos. Se evaluó antes y después de la intervención: técnica, distancia recorrida y percepción subjetiva en relación a la experiencia. Entre los resultados, el tercer año mostró, en promedio, un 221,2% mayor de desplazamiento y un 125,9% de evolución en el estado emocional de control ante la percepción de riesgo. El quinto año, en promedio, mostró un 107,7% mayor de desplazamiento y un 105,1% de evolución en el estado emocional. Los datos obtenidos demuestran que, después del período pedagógico de 4 semanas, los niños mostraron una mejora en la adquisición técnica, el desplazamiento y el control sobre la percepción de riesgo.

Palabras clave: habilidades motoras; clases de aventuras; educación física escolar.

¹ Graduada em Educação Física. Bolsista da Fundação Araucária. E-mail: lefreitasx@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9648-3307>.

² Doutor em Educação Física. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: ggapimentel@uem.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1242-9296>.

³ Doutor em Educação Física. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: rcveloso2@uem.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2539-2579>.

Abstract

The following study will evaluate the change of the proficiency in the motion regarding slackline for children from seven to ten years old enrolled on the third and fifth grade. The pedagogical procedures are from the School of Adventures' method (Escola de Aventura), validated for the Elementary School I. The intervention was of two Weekly classes with an approximate duration of 100 minutes. It was evaluated before and after the intervention: technique, distance of movement and subjective perception regarding the experience. The obtained results point out that the third grade presented roughly a 221,2% superior motion level and an emotional evolution of 125,9% regarding the control towards the perception of risk. The fifth grade presented an average of 107,7% superior motion and 105,1% of emotional state evolution. The obtained data show that after the pedagogic period of four weeks, the children showed improvements of technical acquisition, motion levels and perception of risk (control).

Keywords: motor abilities; adventure lessons, physical education.

1 INTRODUÇÃO

No processo de ensino-aprendizagem da Educação Física, ocorreram mudanças que possibilitaram a inclusão de novas modalidades na proposta de ensino, como, a inserção das práticas corporais de aventura. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é reflexo de tais mudanças e estabelece os conteúdos a serem trabalhados na educação básica. Com isso,

a temática de práticas corporais de aventura, permite formas de expressões e experimentações corporais, principalmente pela presença marcante de situações de imprevisibilidade que se manifestam no momento em que o praticante tem contato com o ambiente desafiador (MEC, 2018, p. 218).

De acordo com Schwartz (2018), as práticas corporais de aventura englobam vários atrativos e podem ser desenvolvidas tanto em ambientes naturais, ou seja, em contato direto com a natureza, quanto em ambientes fechados, como, as instituições de ensino. Este contato é possível com o uso de materiais e equipamentos destinados à prática de cada modalidade. No caso do *slackline*, os materiais necessitam basicamente de dois pontos de ancoragem da fita, como por exemplo, árvores, postes, entre outros. Deste modo, a prática pode ser realizada com segurança. Para os iniciantes, é importante que a fita esteja colocada numa altura mais próxima ao chão, permitindo que o praticante sinta mais confiança e possa se aprimorar na modalidade.

O *slackline* pertence ao grupo de práticas corporais de aventura e vem se expandindo no Brasil entre praticantes de várias idades e com finalidades distintas, sejam elas voltadas para competições, lazer e/ou aventura. De acordo com Paoletti e Mahadevan (2012), *slackline* significa “linha solta”, “corda bamba” ou “corda solta”,

sendo uma prática esportiva marcada pelo ato de equilibrar-se em uma fita de nylon esticada e posicionada entre dois pontos, com a finalidade de cumprir o trajeto da travessia saindo do ponto de origem até o ponto de destino.

Ao trabalhar essa modalidade de aventura, busca-se possibilitar a experimentação da dinâmica do equilíbrio sob a fita e explorar as habilidades de cada praticante, seja a partir de seu primeiro contato ou até mesmo para aqueles que já tenham conhecimento prévio. Com isso, no processo de ensino é primordial a aplicação de atividades que possibilitem desenvolver a força dos membros inferiores e que trabalhem a respiração, a concentração, a postura, a superação do medo, a bilateralidade e o equilíbrio dinâmico e estático.

O ato de andar sobre a fita de *slackline* exige técnicas que auxiliam o indivíduo para equilibrar-se, como deixar os joelhos semiflexionados, postura ereta, olhar voltado para um ponto fixo, posicionamento dos pés um a frente do outro com a ponta direcionada à frente e braços em movimento constante de adução e abdução durante o deslocamento (Celestino, 2014).

Quando se tematiza a técnica como um conhecimento que a escola precisa democratizar, a justificamos como uma forma de aumentar a potência do aprendiz sobre o mundo que o cerca. Por isso, junto à dimensão objetiva da aprendizagem, é necessário observar o protagonismo das crianças na educação formal. A esse respeito, consideramos como Tessaro (2020, p. 105) que é importante compreender como “cada sujeito aprende na sua subjetividade, dentro do seu tempo, através das condições que o meio em que vive lhe possibilita”.

Diante disso, o objetivo deste estudo foi avaliar a proficiência de alunos do ensino fundamental I frente à aprendizagem do deslocamento sobre *slackline*. Para tanto, consideramos o desempenho conjuntamente às variáveis da percepção subjetiva de risco e da técnica.

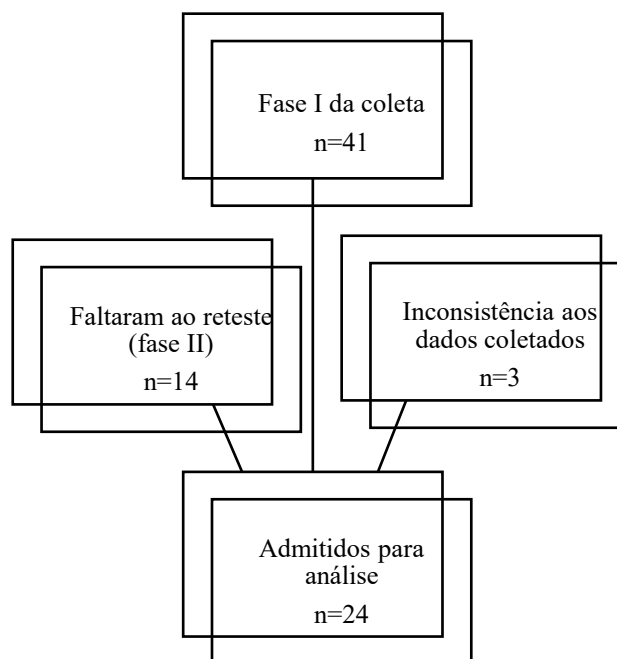
2 METODOLOGIA

Como procedimento metodológico, o presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa quase-experimental (Martins, 2009; Dutra; Reis, 2016), na perspectiva de que envolveu uma intervenção para mensurar efeito sem a adoção de um grupo-controle amostral.

Inicialmente, foram selecionados os alunos matriculados no ensino fundamental I, respectivamente no 3º e 5º ano, com faixa etária entre sete e dez anos. Após a apresentação da proposta, os alunos que aceitaram participar da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Autorização de Imagem e Som destinado à coleta da assinatura e autorização dos pais permitindo a participação livre e espontânea de seus filhos para o desenvolvimento deste estudo.

A pré-intervenção foi composta por 41 crianças. Todas não possuíam experiência prévia e receberam instrução para iniciação ao slackline. O método de ensino aplicado foi o proposto pela Escola de Aventuras (Scopel *et al.*, 2020) e validado para o Fundamental I (Correa *et al.*, 2020; Risso *et al.*, 2022). Ao final, foram excluídos os alunos que não realizaram um dos testes ou aqueles nos quais os dados na coleta sofreram alguma inconsistência (falhas na filmagem, em particular). Após isso, a amostra se reduziu a um total de 24 alunos, sendo onze alunos do 3º ano e treze alunos do 5º ano, com faixa etária entre sete e dez anos. O estudo foi realizado no período de 10 de novembro a 09 de dezembro, ou seja, no último bimestre letivo.

Alguns alunos estiveram ausentes na fase II, ou seja, no reteste ($n = 14$), e em outros casos ocorreram inconsistência de dados ($n = 3$), sendo assim, foram excluídos um total de $n = 17$, e admitidos para análise $n = 24$.

Figura 01 – Fluxo de triagem amostral do estudo

Fonte: Própria (2021).

Como recurso para a coleta, foi utilizada uma plataforma portátil de *slackline*, com 0,5 m de altura por 7 metros de comprimento, posicionada em um ambiente interno, no intuito de reduzir ruídos e/ou distrações para realização da prática. E, para medir a distância percorrida por cada participante, foi utilizada uma fita métrica posicionada nas extremidades da plataforma portátil, onde foi registrada a metragem que cada aluno conseguiu atingir. Contamos também com a utilização de câmeras fotográficas para realizar o registro do número de tentativas de cada um.

Primeiramente, todos os alunos passaram por um momento de aquecimento. Em seguida, foram direcionados em grupos ao local da coleta. Para a realização das gravações, eram selecionados de três a quatro alunos por vez. Posteriormente, cada participante tinha a oportunidade de uma tentativa para percorrer o trajeto na plataforma portátil de *slackline*. Após este momento, de maneira alternada, cada aluno teve um número de três tentativas para realizar o trajeto na plataforma, e todas essas tentativas foram registradas por câmeras fotográficas posicionadas de modo frontal e lateral.

A partir de Celestino (2014), foram criadas as categorias: Tec1, Tec2, Tec3, Tec4 e Tec5. Sendo a técnica discriminada em: 1 para presente e 0 para ausente. Sendo assim, as categorias foram nomeadas como:

- a) Tec1: joelhos semiflexionados;
- b) Tec2: postura ereta;
- c) Tec3: olhar voltado a um ponto fixo à frente;
- d) Tec4: posicionamento da ponta dos pés virado para frente e um pé frente ao outro;
- e) Tec5: braços em constante movimento de adução e abdução.

Simultaneamente, após cada tentativa dos participantes foi solicitado que cada um apontasse qual foi o sentimento durante a prática. Esse apontamento foi feito por meio da ilustração em um cartaz representando a percepção do risco, posicionado na parede da sala e exposto aos alunos. O apontamento foi realizado entre uma escala de 1 a 5, como representa a **figura 2**.

Figura 2 - Momento em que os alunos apontavam em qual escala pertenciam suas emoções



Fonte: Própria (2021).

Para o registro de apontamentos dos alunos, elaboramos uma ficha de análise que atestou quais foram suas sensações nas tentativas número um, dois e três. A percepção de risco foi caracterizada de acordo com a subjetividade dos alunos, sendo de 1 e 2 classificada como “difícil”, a escala 3 “intermediário” e 4 e 5 “fácil”. Ao lado da numeração, haviam imagens (*emoticons*) para ilustrar o estado subjetivo que cada aluno se auto atribuía na vivência.

Após a primeira etapa da coleta de dados, os alunos passaram por uma sequência de quatro semanas, composta por 2 aulas semanais com

aproximadamente 100 minutos de duração, executando atividades com estratégia de iniciação voltada para trabalhar e observar o equilíbrio dinâmico que os alunos possuem. Em seguida, os participantes tentaram caminhar sobre a plataforma portátil com auxílio dos professores, segurando uma de suas mãos. Em um segundo momento, todos fizeram a passagem sozinhos, ou seja, sem auxílio.

Posteriormente, houve um reteste para que fosse possível avaliar o desenvolvimento da aquisição técnica e a percepção do risco para comparar o primeiro contato com a modalidade e depois de quatro semanas de prática.

Tomamos como critério a técnica do deslocamento sobre a fita descoberta por Celestino (2014). O tratamento dos dados foi realizado por meio de estatística descritiva. Os dados qualitativos da coleta foram processados e analisados por meio de uma planilha do *software Microsoft Excel*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A principal característica das atividades de aventura é a incerteza diante da percepção do risco. O risco constrói-se nas condições sociais e culturais, incorporando fragilidades e com variações de acordo com o tempo e lugar. O conjunto de experiências praticadas nessa modalidade diferem da previsibilidade vivenciada pelo indivíduo em seu cotidiano (Paixão, 2012). No caso do *slackline*, esse fator é proporcionado especialmente pela instabilidade em andar sobre a fita a uma determinada altura. A plataforma proporciona, na perspectiva da gestão dos riscos, uma experiência calculada, de modo que o desafio seja moderado. Isso é projetado na distância curta (*short line*) entre a fita e o solo, aspectos inerentes à plataforma, além da tensão ajustada à fita para reduzir a folga.

As tabelas de 1 a 4 apresentam cálculos referentes aos resultados por criança (aluno ou aluna) e as médias em relação ao melhor desempenho de três tentativas, à proficiência demonstrada na técnica e à percepção subjetiva proporcional ao desafio. A escala para controle foi de 1 a 5, sendo quanto mais acertado o controle, maior o escore.

Na tabela 1 descrevemos o aprimoramento no teste pré-intervenção das crianças do 3º ano:

Tabela 1 - Resultados das crianças do 3º ano

Criança	Percurso	Tec1	Tec2	Tec3	Tec4	Tec5	Controle
Aluno1	104 cm	0	0	0	0	0	4
Aluna2	103 cm	0	1	1	1	1	3
Aluno3	63 cm	1	0	1	1	0	5
Aluno4	46 cm	0	0	0	0	0	3
Aluna5	53 cm	1	1	1	1	1	4
Aluna6	93 cm	1	1	1	1	0	4
Aluna7	73 cm	1	1	1	0	1	4
Aluna8	46 cm	1	1	1	1	1	3
Aluno9	59 cm	1	0	1	0	1	3
Aluno10	136 cm	1	1	1	0	1	5
Aluno11	86 cm	1	1	1	0	1	4
Média	78,3 cm	0,72	0,63	0,81	0,454	0,63	3,81

Fonte: Própria (2021).

Após a intervenção, as crianças do 3º ano obtiveram os seguintes valores:

Tabela 2 - Resultados das crianças do 3º ano

Criança	Percurso	Tec1	Tec2	Tec3	Tec4	Tec5	Controle
Aluno1	332	1	1	1	0	1	5
Aluna2	134	1	1	1	1	1	4
Aluno3	146	1	1	1	0	1	5
Aluno4	125	1	1	1	0	1	5
Aluna5	155	1	1	1	1	1	5
Aluna6	247	1	1	1	0	1	5
Aluna7	147	1	1	1	0	1	5
Aluna8	57	0	1	1	1	1	5
Aluno9	163	1	1	1	1	1	4
Aluno10	253	1	1	1	0	1	5
Aluno11	147	1	1	1	0	1	5
Média	173,2cm	0,90	1	1	0,36	1	4,8

Fonte: Própria (2021).

Em relação ao terceiro ano, conforme comparação entre os resultados pré e pós-intervenção, observamos que ocorreu melhora da técnica. Também entendemos a partir dos resultados, que após as aulas, as crianças também conseguiram melhorar o aprimoramento no percurso, o que representou, em média, um deslocamento de 221,2% superior. Além disso, no aspecto subjetivo, houve melhora em 125,9% na percepção em relação ao controle na execução da tarefa. Em média, o resultado de 4,8 aponta para uma aproximação ao efeito teto (máximo de 5). Em termos

pedagógicos, isso significa a possibilidade de aumentarmos o desafio para que os alunos não entrem em tédio ou relaxamento.

De acordo com Csikszentmihalyi (1999), o indivíduo deve crescer constantemente durante a apreciação do que esteja fazendo. Mas, em geral, eles tendem a sentir-se entediados e apáticos, e buscam agir com algum estímulo já pronto em sua mente, ou então se sentem atarefados demais para iniciar ou imaginar uma tentativa de desenvolver habilidades apropriadas.

Na tabela 3 descrevemos o aprimoramento no teste pré-intervenção das crianças do 5º ano.

Tabela 3 - Resultados das crianças do 5º ano

Criança	Percurso	Tec1	Tec2	Tec3	Tec4	Tec5	Controle
Aluno1	131	0	1	1	1	1	3
Aluna2	86	1	0	1	1	1	5
Aluno3	106	1	1	1	1	1	4
Aluno4	171	1	1	1	1	0	2
Aluna5	106	1	1	1	1	1	4
Aluna6	172	1	1	1	1	1	5
Aluna7	131	1	1	1	1	1	5
Aluna8	86	1	1	1	1	1	4
Aluno9	183	0	1	1	1	1	3
Aluno10	144	1	1	1	1	1	5
Aluno11	78	1	1	1	1	1	3
Aluno12	143	1	1	1	1	1	4
Aluno13	134	0	0	1	1	1	4
Média	128,5	0,77	0,85	1	1	0,92	3,9

Fonte: Própria (2021).

Após a intervenção, as crianças do 5º ano obtiveram os seguintes valores:

Tabela 4 - Resultados das crianças do 5º ano.

Criança	Percurso	Tec1	Tec2	Tec3	Tec4	Tec5	Controle
Aluno1	129	1	1	1	1	1	4
Aluna2	147	1	1	1	1	1	5
Aluno3	146	1	1	1	1	1	4
Aluno4	171	1	1	1	0	1	4
Aluna5	79	1	1	1	1	1	3
Aluna6	147	1	1	1	1	1	3
Aluna7	113	1	1	0	1	1	5
Aluna8	166	1	1	1	0	1	5
Aluno9	143	1	1	1	0	1	4
Aluno10	118	1	1	1	1	1	5
Aluno11	150	1	1	1	1	1	3
Aluno12	205	1	1	1	1	1	5
Aluno13	86	1	1	1	1	1	3
Média	138,5	1	1	0,92	0,77	1	4,1

Fonte: Própria (2021).

Em relação aos dados do quinto ano, conforme comparação entre os resultados pré e pós-intervenção, também observamos que ocorreu melhora da técnica. Após as aulas, as crianças apresentaram melhora no aprimoramento, representando, em média, um deslocamento de 107,7% superior. Para mais, no aspecto subjetivo, houve uma melhora em 105,1% na percepção em relação ao controle na execução da tarefa.

Diante dos resultados, respectivamente, do terceiro e quinto ano, nota-se que houve melhora significativa da técnica, do aprimoramento na perspectiva de deslocamento e melhora na percepção subjetiva (controle). Podemos relacionar este resultado com a aquisição da técnica, pois a mesma se torna indispensável para se ter o controle corporal e equilíbrio sobre a fita (Silva; Poli; Pereira, 2013).

As habilidades motoras para deslocamento na fita foram aprimoradas em virtude das repetições e conhecimento das técnicas adequadas. Diante disso, vale destacar a importância das vivências corporais de aventura no âmbito escolar, pois as mesmas ampliam as vivências corporais e também contribuem para melhoria das habilidades motoras de base, expandindo a concentração e atenção das crianças bem como o conhecimento do controle do risco.

Vale considerar que o estilo de ensino adotado nas aulas não deve ser negligenciado. Conforme ilustrado na Figura 1, é importante no planejamento docente

haver tanto formas dialógicas de avaliação como também dar voz às crianças para se expressarem quanto ao aprendizado, construindo significado ao mesmo.

De acordo com Apter (2007), os sentimentos de felicidade, medo, ansiedade e entusiasmo, provocados nas crianças perante desafios, fazem com que o risco seja cativante. Nesse sentido, podemos considerar que as experiências de brincar arriscando apresentam benefícios para o desenvolvimento, movendo a persistência por parte das crianças em determinada tarefa, estimulando-as a superar os desafios, o medo e a busca de estratégias para resolução de problemas.

Na Escola de Aventuras, as estratégias metodológicas para o ensino de aventura são centradas na perspectiva da educação para o lazer. No projeto, existe um conjunto de microaventuras destinadas aos alunos com o objetivo de trabalhar a aprendizagem na introdução às práticas corporais de aventura e alcançar uma participação efetiva de maneira coletiva ou individual. Para Zambiasi (2006), o ser humano aprende de acordo com sua individualidade, com seu próprio tempo, sua subjetividade e de acordo com as condições que o ambiente em que vive lhe possibilita. Logo, ao trazermos a linguagem do jogo na escolarização da aventura, atuamos em formar uma ambiência mais amigável às culturas infantis na escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos demonstram que após a intervenção de quatro semanas houve avanço da aquisição técnica, do deslocamento e da percepção do risco (sensação de controle), em crianças do ensino fundamental I, apresentando aderência à hipótese inicial deste estudo.

Tais resultados apontam para a relevância e importância de procedimentos didáticos que podem instrumentalizar professores de Educação Física que atuem no conteúdo estruturante “práticas corporais de aventura” por meio do *slackline*. Recomendamos a implementação deste novo conhecimento no ensino formal como meio de viabilizar o acesso das crianças a essa biografia de movimento.

Este estudo abre caminho para a possibilidade de ser ampliado em nova pesquisa de cunho comparativo com um grupo controle que não receberá instrução técnica, ainda investigando a eficácia da instrução e acompanhamento do professor de Educação Física para a melhoria do desempenho no *slackline*.

REFERÊNCIAS

APTER, Michael. **Danger: our quest for excitement**. Oxford: Oneworld Publications, 2007.

CELESTINO, Claudio. **Comparação do comportamento biomecânico da marcha em diferentes superfícies**. 2014. Monografia (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

CORREA, Liciane V. O. M.; BADARO, Luiz Fernando.; SOUZA, Juliano; PIMENTEL, Giuliano. G. A. Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na educação física escolar. **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2893>. Acesso em: 13 dez. 2022.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DUTRA, Herica Silva; REIS, Valesca Nunes dos. Desenhos de estudos experimentais e quase-experimentais: definições e desafios na pesquisa em enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE**, v. 10, n. 6, p. 2230-2241, 2016. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11238>. Acesso em: 02 nov. 2022.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEC. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

PAIXÃO, Jairo A. da. **O instrutor de esporte de aventura no Brasil e os saberes necessários à sua atuação profissional**. Curitiba: CRV, 2012.

PAOLETTI, Pierre; MAHADEVAN, Lakshminarayanan. Balancing on tightropes and slacklines. **Journal of the Royal Society**, Harvard University, Cambridge, v. 9, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rsif.2012.0077>. Acesso em: 12 nov. 2022.

RISSO, Helli F. F.; FERNANDES, Fernanda H.; CORREA, Liciane V. O. M.; ARRUDA, Érika F. A.; ARAUJO, Patrícia S. C.; PIMENTEL, Giuliano G. A. Microaventuras como método de ensino de práticas corporais de aventura no ensino fundamental I. In: FINARDI, Francisco.; ULASOWICZ, Carla. (Org.). **Aprendendo práticas corporais de aventura na educação física: da escola à universidade**. Curitiba-PR: CRV, 2022.

SILVA, Almir Aguiar dos Santos; POLI, Jonas de Jesus Carvalho; PEREIRA, Dimitri Wuo. Iniciação ao slackline: uma proposta de ensino. São Paulo, 2013. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, año 18, n. 184, septiembre de 2013. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

SCOPEL, Allana J.; FERNANDES, Alessandra V.; RETAMAL, Frankillin C.; PIMENTEL, Giuliano G. A.; NODA, Luana M.; SANTOS, Silvana dos. **Atividades físicas alternativas: práticas corporais de aventura**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

SCHWARTZ, Gisele Maria et al. **Atividades de aventura**: vivências para diferentes faixas etárias. São Paulo: Supimpa. 2018.

TESSARO, Mônica. Concepções teóricas acerca da aprendizagem: como o ser humano aprende? **Revista Praxis Pedagógica**, v. 3, n. 4, p. 91-109, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.69568/2237-5406.2020v3n4e4681>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ZAMBIASI, José Luiz. Problematizando a epistemologia na construção do conhecimento. **Revista Pedagógica**, n. 17, p.152-172, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.22196/rp.v8i17.4227>. Acesso em: 02 dez. 2022.

Recebido em: 21/12/2022

Aceito em: 28/01/2023

Publicado em: 22/12/2025



Este conteúdo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons BY-NC-SA 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)